

NOVAS LEITURAS E AUTORES

Como vivo procurando novos autores brasileiros e latino-americanos de ficção para ler, entro em livrarias, leio seções de livros dos jornais e fuço na internet. Nos últimos tempos, encontrei dois novos autores que me encantaram. O primeiro foi Leonardo Piana, um jovem mineiro natural de Andradas que atualmente vive e trabalha em Pouso Alegre.

De Piana li “Tarde no planeta” (editora Autêntica Contemporânea), um pequeno romance sobre uma família do interior constituída por pai, mãe, filho e um amigo próximo que está sempre presente, que depois se revela mais que um amigo. O cenário bucólico e montanhoso das Minas Gerais é palco de uma construção literária engenhosa que remete à crise climática e ao fim dos tempos, sob os olhos do filho do casal.

Outro livro que gostei muito foi escrito por Maria Brant, romance de estreia da filha do falecido e reconhecido Vinicius Caldeira Brant, economista e sociólogo pesquisador do CEBRAP, sendo um dos coordenadores do importante estudo “São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza”, que li na época do mestrado. O livro de Maria Brant, uma especialista em direitos humanos, é “No ano do cometa”. Embora não seja um livro autobiográfico, é evidente que a escritora utilizou suas memórias a partir da experiência do pai, que foi preso e torturado pela ditadura militar, que ela perdeu relativamente cedo. A resenha é a seguinte: “em 1986, o mundo aguarda a passagem do cometa Halley. No Brasil, a redemocratização está em curso após 21 anos de ditadura militar. É esse o contexto de um romance de formação sobre o complexo processo de luto e uma jornada de autodescoberta. No período de janeiro a dezembro, “*O ano do cometa*” mapeia a dor e a busca pelo significado de assuntos não ditos, mas captados pela percepção infantil de três meninas: Íris, Rosa e Violeta. Íris tem onze anos e, em meio às excentricidades da mãe e ao silêncio do pai, lida com a dor da perda de seu tio Peu. A procura por rastros e explicações se manifesta em detalhes: a cicatriz na testa em código morse, as lembranças do tio surfista e sonhador, os cadernos em cirílico do bisavô astrônomo e os fragmentos de história da família que parecem flutuar entre o que é real e obscuro, assim como os acontecimentos que ainda pairam pela história recente do país. O luto que ronda a família se expressa em Rosa de maneira diferente. O sentimento de não pertencimento, o novo país, o retorno de um exílio que ela não sabia que vivia se refletem num vazio preenchido com a compreensão do ciclo da vida e a superação dos medos — sejam eles de aranhas, do mormaço ou de uma iminente catástrofe nuclear pós-Chernobil”.

A outra leitura foi do livro da jornalista paulistana Silvana Tavano, essa minha contemporânea da década de 1950 (nasceu em 1957), mas que estreou na literatura já bem madura após passar por diversas redações de revistas femininas. Seu livro é espetacular, chamado “Ressuscitar mamutes”, que recebeu o prêmio literário Oceanos 2025 e foi semifinalista do Prêmio Jabuti naquele ano. No trajeto entre acontecimentos científicos do presente e projeções esperançosas para o futuro, a mulher madura que se revela como narradora deste romance repassa uma história familiar provavelmente comum a muitos de nós, enfrentando os conflitos, as tensões e os imensos afetos que se estabelecem entre as mulheres de um núcleo familiar em que o pai é uma figura lateral. Gostei demais, surpreendente, espero que ela continue produzindo novas histórias. Agora estou começando a ler outro livro de José Falero, o romance “Vera”. Se for tão bom quanto o que já li, “Os supridores”, é diversão garantida. Depois conto pra vocês.

Mauro Ferreira é arquiteto